

6.1 Manuscrito 1

ESTRUTURA REPRESENTACIONAL DE AGENTES COMUNITÁRIOS DE SAÚDE SOBRE A VIOLÊNCIA NO TRABALHO

Objetivo: Identificar o núcleo central das representações sociais de Agentes Comunitários de Saúde sobre a violência no trabalho. **Método:** Estudo descritivo e exploratório, de abordagem quali-quantitativa, fundamentado na abordagem estrutural da Teoria das Representações Sociais. Participaram 102 Agentes Comunitários de Saúde na primeira etapa e 66 na segunda. Utilizaram-se a técnica de evocação livre de palavras e os testes de centralidade *choix-par-bloc*, pares de palavras e *mise-en-cause*. Os dados foram submetidos à análise prototípica, análise de similitude por coocorrência e aos procedimentos analíticos específicos dos testes de centralidade. **Resultados:** A análise prototípica indicou *desrespeito*, *agressão verbal*, *assédio moral*, *pressão psicológica* e *xingamento* como candidatos ao núcleo central. Na integração das diferentes técnicas, *desrespeito* e *pressão psicológica* foram os únicos cognemas com indicação de centralidade em três métodos, sendo confirmados como elementos do núcleo central. Os demais cognemas distribuíram-se em diferentes posições do sistema representacional, expressando manifestações verbais, morais e físicas da violência, além de repercussões subjetivas e afetivas relacionadas às experiências laborais. **Conclusão:** A representação social da violência no trabalho entre Agentes Comunitários de Saúde organiza-se em torno de *desrespeito* e *pressão psicológica*, articulando uma dimensão normativa, relacionada à violação de valores que orientam as relações profissionais, e uma dimensão experiencial e afetiva, relacionada ao desgaste psicológico. A identificação desses elementos contribui para a compreensão da estrutura representacional da violência no trabalho e pode subsidiar estratégias institucionais de prevenção, proteção e valorização desses trabalhadores.

Palavras-chave: Violência no trabalho; Agentes Comunitários de Saúde; Representações Sociais; Atenção Primária à Saúde.

Introdução

Os Agentes Comunitários de Saúde (ACSs) ocupam posição singular na Atenção Primária à Saúde (APS), atuando como mediadores entre os serviços de saúde e a comunidade. Sua prática profissional é desenvolvida predominantemente no território e envolve visitas domiciliares, acompanhamento das famílias, ações de promoção e prevenção da saúde e construção de vínculos com a população. Além de integrarem as equipes de Saúde da Família, esses trabalhadores mantêm estreita relação com os contextos sociais nos quais desenvolvem suas atividades, assumindo uma posição que transita entre o serviço de saúde e a comunidade⁽¹⁾. Essa dupla inserção constitui uma característica particular do trabalho do ACS e produz relações que nem sempre são harmoniosas, especialmente diante de demandas, expectativas e conflitos presentes no cotidiano dos territórios.

As características desse processo de trabalho tornam os ACSs particularmente expostos a situações de violência no exercício profissional. A proximidade cotidiana com usuários e famílias, a realização de atividades nos domicílios e em outros espaços comunitários, a atuação em territórios marcados por desigualdades e conflitos e a própria posição de mediação entre as necessidades da população e as respostas oferecidas pelos serviços podem produzir situações de insegurança, tensão e violência^(1,2,3). Estudos com ACSs evidenciam que a violência pode interferir na realização das atividades no território e expor esses trabalhadores a situações capazes de comprometer sua integridade física e mental.

A violência no trabalho dos ACSs, entretanto, não se restringe às situações ocorridas no território ou às relações estabelecidas com usuários e familiares. O fenômeno deve ser compreendido em sua multidimensionalidade, considerando também as condições e a organização do trabalho, as relações estabelecidas com equipes e gestores e os contextos sociais e institucionais nos quais as práticas profissionais são desenvolvidas^(4,5,6). Na APS, a literatura demonstra que a violência no trabalho está relacionada à interação de fatores individuais, comunitários, geográficos e organizacionais e pode assumir diferentes manifestações, com predomínio das formas não físicas e verbais^(5,7,6). Entre os ACSs, as evidências apontam experiências que incluem violência verbal, ameaças, assédio e outras situações de violência relacionadas ao exercício profissional. Durante as visitas domiciliares, por exemplo, esses trabalhadores podem vivenciar situações de insegurança e exposição que repercutem em seu bem-estar físico e psicológico e na própria realização do trabalho no território⁽²⁾. A particularidade de, em muitos contextos, viver e trabalhar na mesma comunidade acrescenta complexidade a essas experiências, uma vez que as fronteiras entre os espaços de vida e de trabalho podem se tornar menos delimitadas^(1,3).

Essa realidade evidencia condições de vulnerabilidade dos ACSs à violência no trabalho, compreendidas não como atributo individual desses trabalhadores, mas como resultado da articulação entre dimensões individuais, sociais e programáticas, que envolvem as condições concretas de vida e trabalho, as relações sociais e de poder, a organização dos serviços e os recursos institucionais disponíveis para proteção e enfrentamento⁽⁸⁾. Ayres (2022). A exposição à violência também não ocorre de maneira homogênea entre os ACSs, podendo ser atravessada pelas posições sociais ocupadas pelos trabalhadores e pelas características dos contextos em que vivem e trabalham^(9,3). Estudo recente realizado com trabalhadores comunitários de saúde no Nordeste brasileiro demonstrou diferenças nas experiências e percepções de violência segundo gênero e contexto, reforçando a necessidade de considerar a heterogeneidade dessas vivências.

Embora estudos tenham avançado na identificação das manifestações da violência, dos fatores associados, das consequências e das estratégias de enfrentamento, compreender a violência no trabalho dos ACSs requer também considerar como esses trabalhadores significam e organizam socialmente esse fenômeno^(5,6). As experiências de violência não são apenas vivenciadas objetivamente, mas interpretadas a partir dos conhecimentos, valores, crenças e experiências compartilhados pelos sujeitos em seus grupos sociais. Esses significados participam da maneira como o fenômeno é reconhecido e interpretado no cotidiano de trabalho.

Nesse sentido, a Teoria das Representações Sociais (TRS), proposta por Moscovici, constitui referencial pertinente para compreender os conhecimentos e significados construídos e compartilhados pelos ACSs acerca da violência no trabalho. As representações sociais correspondem a sistemas de conhecimentos, valores e crenças socialmente elaborados e compartilhados, que possibilitam aos sujeitos interpretar a realidade e orientar suas condutas e práticas^(10,11). No campo da saúde, a TRS permite acessar os saberes construídos pelos grupos sociais acerca dos fenômenos vivenciados e compreender sua participação na interpretação dos problemas e nas práticas profissionais⁽¹²⁾.

Assim, investigar a organização das representações sociais dos ACSs sobre a violência no trabalho possibilita avançar da identificação das manifestações e situações de violência para a compreensão dos elementos que estruturam o pensamento social desses trabalhadores acerca do fenômeno. Essa perspectiva torna-se especialmente relevante diante das particularidades da inserção profissional dos ACSs e das diferentes condições de vulnerabilidade que atravessam seu cotidiano laboral.

Dessa forma, este estudo tem como objetivo identificar o núcleo central das representações sociais de Agentes Comunitários de Saúde sobre a violência no trabalho.

Método

Desenho do estudo

Estudo descritivo e exploratório, de abordagem quali-quantitativa, fundamentado na TRS, com ênfase na abordagem estrutural ou Teoria do Núcleo Central^(13,14).

Referencial teórico

Adotou-se a abordagem estrutural da TRS que compreende as representações sociais como sistemas organizados em torno de um núcleo central e elementos periféricos, cuja identificação requer métodos específicos de análise estrutural^(13,14).

Local e período da coleta de dados

O estudo foi realizado em seis unidades de saúde, cada uma composta por duas equipes de Saúde da Família (eSF), localizadas na zona urbana de Vitória da Conquista, Bahia, Brasil. A coleta de dados ocorreu entre setembro de 2025 e janeiro de 2026, sendo conduzida pela pesquisadora, com a colaboração de uma pesquisadora durante sua realização.

Participantes

Dos 519 ACSs atuantes no município, participaram da pesquisa profissionais vinculados às seis unidades de saúde selecionadas. Foram incluídos ACSs em atividade há pelo menos um ano na unidade e excluídos aqueles que se encontravam afastados durante o período da coleta de dados. Participaram 102 ACSs na primeira etapa e 66 na segunda etapa da pesquisa.

Instrumentos e coleta de dados

A coleta de dados foi realizada em duas etapas. Na primeira, participaram 102 ACSs, aos quais foi aplicada a técnica de evocações livres de palavras, utilizando-se como termo indutor “violência no trabalho”. Cada participante foi solicitado a evocar cinco palavras ou expressões que lhe viessem imediatamente à mente a partir do termo indutor. Em seguida, os participantes responderam a um formulário para caracterização sociodemográfica e profissional.

As evocações obtidas nessa primeira etapa subsidiaram a identificação do conteúdo e da organização inicial da representação social. A partir dos resultados da análise prototípica e da análise de similitude por coocorrência, foram selecionados os cognemas que compuseram os instrumentos utilizados na segunda etapa da pesquisa, destinada ao aprofundamento da análise estrutural e à verificação da centralidade dos elementos da representação ^(13,14).

Na segunda etapa, participaram 66 ACSs, aos quais foram aplicados os testes *choix-par-bloc*, constituição de pares de palavras e *mise-en-cause*. O *choix-par-bloc*, ou escolha sucessiva por blocos, foi realizado com 15 cognemas provenientes do quadro de quatro casas, selecionados a partir dos resultados da primeira etapa. Os participantes classificaram esses termos em três blocos: “mais característico”, “neutro” e “menos característico” da violência no trabalho. Essa técnica possibilitou avaliar a importância relativa dos cognemas e as relações estabelecidas entre os elementos da representação ^(13,14).

Na constituição de pares de palavras, foram utilizados os mesmos 15 cognemas provenientes do quadro de quatro casas. Os participantes foram orientados a formar pares entre os termos, associando aqueles que, segundo sua compreensão, apresentavam maior relação entre si no contexto da violência no trabalho. A técnica teve como finalidade examinar

a conectividade entre os cognemas e as relações de proximidade existentes no campo representacional⁽¹⁴⁾.

O *mise-en-cause*, ou técnica do questionamento, foi aplicado com 10 cognemas provenientes do quadro de quatro casas, com a finalidade de verificar sua indispensabilidade para a definição do objeto representacional. Fundamentado no princípio da dupla negação, o teste parte do pressuposto de que um elemento central não pode ser retirado da representação sem que o objeto perca seu significado ou deixe de ser reconhecido como tal. Para cada cognema, os participantes responderam a uma questão formulada de modo a verificar se a violência no trabalho poderia existir sem aquele elemento, utilizando as alternativas “sim”, “não” e “talvez” (13,14,15).

Análise dos dados

As evocações livres foram processadas no *software Ensemble de Programmes Permettant l'Analyse des Évocations* (EVOC), versão 2005, por meio do qual foi realizada a análise prototípica, considerando-se conjuntamente a frequência de evocação e a ordem média de evocação (OME) dos termos. O cruzamento desses dois critérios possibilitou a construção do quadro de quatro casas, utilizado para identificar a organização inicial da representação social^(16,14).

O quadro de quatro casas distribui os termos evocados em quatro quadrantes. No quadrante superior esquerdo situam-se os elementos com alta frequência e baixa OME, considerados prováveis candidatos ao núcleo central da representação. O quadrante superior direito, denominado primeira periferia, reúne elementos com alta frequência e elevada OME. No quadrante inferior esquerdo encontram-se os elementos da zona de contraste, caracterizados por menor frequência e baixa OME. Por sua vez, o quadrante inferior direito, correspondente à segunda periferia, reúne os elementos de menor frequência e elevada OME (16; 14).

Em continuidade à análise das evocações livres, realizou-se a análise de similitude por coocorrência, com o objetivo de examinar a conectividade entre os elementos da representação social. Para cada par de cognemas, foi calculado o índice de similitude a partir da relação entre o número de participantes que evocaram conjuntamente os termos e o número de participantes considerados na análise. As relações identificadas foram organizadas em uma matriz de similitude e representadas graficamente por meio da árvore máxima de similitude, na qual as conexões de maior intensidade permitem visualizar a organização relacional dos elementos da representação⁽¹⁴⁾.

Os dados obtidos na segunda etapa foram analisados de acordo com os procedimentos específicos de cada teste de centralidade. No *choix-par-bloc*, aos blocos “mais característico”, “neutro” e “menos característico” foram atribuídos, respectivamente, os valores +1, 0 e -1. Para cada cognema, calculou-se o índice médio de destaque, obtido pela soma das pontuações atribuídas pelos participantes dividida pelo número de respondentes. A análise de similitude foi realizada a partir da coocorrência dos cognemas classificados conjuntamente no bloco “mais característico”, sendo os resultados organizados em matriz de similitude e representados por meio da árvore máxima. A interpretação considerou conjuntamente a relevância dos cognemas e sua conectividade, como indicadores auxiliares da organização estrutural da representação^(13,14,17).

Para a constituição de pares de palavras, cada par formado foi considerado uma relação de coocorrência entre dois cognemas. O índice de similitude foi calculado pela razão entre o número de participantes que estabeleceram cada associação e o total de participantes do teste. Os índices obtidos foram dispostos em uma matriz de similitude e, a partir das associações de maior intensidade, construiu-se a árvore máxima, permitindo visualizar as conexões e a organização relacional dos cognemas no campo representacional⁽¹⁴⁾.

Por fim, o *mise-en-cause* foi analisado a partir das frequências absolutas e percentuais das respostas “sim”, “não” e “talvez” para cada cognema. Por se tratar de uma técnica fundamentada na dupla negação, a resposta “não” foi interpretada como recusa à retirada do elemento da definição do objeto representacional. Adotou-se como critério de confirmação da centralidade percentual superior a 75% de respostas “não”, indicando que, para os participantes, a retirada daquele cognema comprometeria o reconhecimento da violência no trabalho como objeto representacional^(13,14,15).

A identificação dos elementos centrais foi realizada mediante a integração dos resultados da análise prototípica e dos testes de centralidade empregados na segunda etapa. A análise de similitude por coocorrência foi utilizada de forma complementar, com a finalidade de examinar a conectividade e a organização relacional dos cognemas no campo representacional^(13,14,16).

Aspectos éticos

O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa sob Parecer nº 7.704.452, atendendo às normas éticas vigentes para pesquisas envolvendo seres humanos. Todos os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Declaração de uso de Inteligência Artificial

Durante a elaboração deste manuscrito, foi utilizada a ferramenta *ChatGPT (OpenAI)* exclusivamente como apoio à revisão linguística, incluindo correções ortográficas e gramaticais e aprimoramento da coerência e coesão textual. Todo o conteúdo, as análises e as interpretações foram integralmente revisados e validados pelas autoras, que assumem responsabilidade pelo conteúdo final apresentado.

Resultados

Participaram da etapa de evocações livres de palavras 102 ACSs, com predominância do sexo feminino (96%), idade entre 38 e 67 anos (média de 52 anos) e concentração na faixa de 46 a 55 anos, caracterizando um grupo adulto e com trajetória profissional consolidada, com aproximadamente 20 anos de atuação como ACSs. Predominaram os participantes que se autodeclararam pardos (76,5%), seguidos por pretos (15,7%), o que totaliza 92,2% de negros, além de forte presença de religiões cristãs (91,1%), especialmente católica (48,0%) e evangélica (43,1%),

Quanto à situação conjugal, prevaleceram os casados (52,9%), e a maioria possuía filhos, com média aproximada de dois por participante. No aspecto socioeconômico, observou-se concentração da renda entre um e três salários-mínimos (80,4%), mesmo entre participantes com maior escolaridade.

A escolaridade mostrou-se heterogênea, com maior frequência de ensino médio e ensino superior incompleto. Os ACSs apresentaram ampla experiência profissional, com tempo de atuação entre 2 e 28 anos (média de 20 anos) e forte vínculo territorial e institucional, evidenciado pelo longo período de permanência nas unidades onde integram a equipe de saúde.

Em relação à qualificação profissional, 76,5% relataram capacitação em saúde do trabalhador e 61,8% em violência no trabalho, indicando maior cobertura formativa no primeiro tema. De modo geral, a amostra apresentou predominância do sexo feminino e de participantes autodeclarados pardos ou pretos, além de longa experiência profissional como ACS, embora com variação no tempo de atuação, escolaridade e condições socioeconômicas.

O *corpus* formado pelas evocações dos ACS frente ao termo indutor “violência no trabalho” totalizou 498 palavras, sendo identificados 38 termos distintos. A ordem média de evocação (OME/*rang*) estabelecida para a análise foi de 3, com frequência mínima de 10 e frequência média de 23,7, conforme critérios definidos para a construção do quadro de quatro casas (Quadro 1).

Quadro 1 – Quadro de quatro casas formado pelas evocações dos agentes comunitários de saúde frente ao termo indutor “violência no trabalho”. Vitória da Conquista-Bahia, 2026. (n=102)

Frequência	Rang <3			Rang ≥3		
	Termo	f	OME	Termo	f	OME
$f > 23,7$	Desrespeito	73	2,68	Humilhação	41	3,49
	Agressão verbal	50	2,5	Ameaça	27	3,19
	Assédio moral	48	2,9	Medo	26	3,58
	Pressão psicológica	33	2,58			
	Xingamento	31	2,77			
$f \leq 23,7$	Cobrança	16	2,56	Falta de apoio	9	3,22
	Agressão física	14	2,93	Falta de reconhecimento	9	3,78
	Desprezo	6	2,83	Falta de empatia	6	3,5
	Desvalorização	5	2,60	Gritos	5	3,2
				Insegurança	5	3
				Angústia	4	3,5
				Ansiedade	4	4
				Assédio	4	3,25
				Falta de amor	4	4,25
				Tristeza	4	3

Fonte: Autora, 2026.

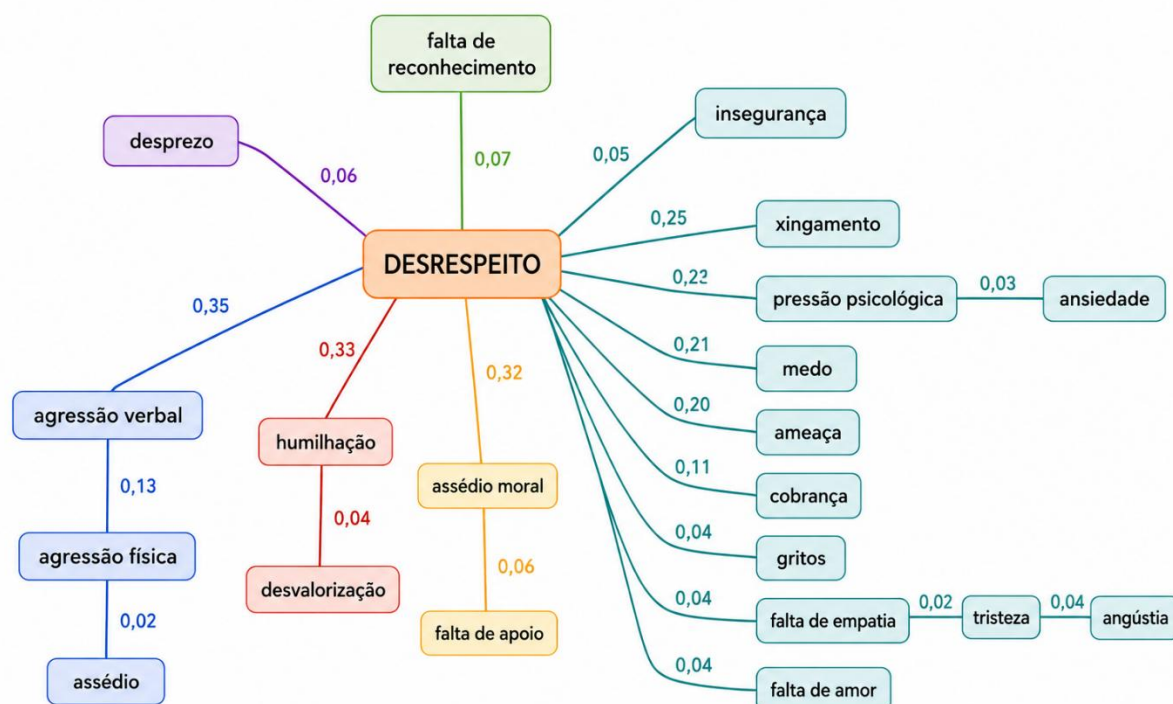
No provável núcleo central da representação social da violência no trabalho destacaram-se os termos *desrespeito*, *agressão verbal*, *assédio moral*, *pressão psicológica* e *xingamento*, caracterizados por elevada frequência e pronta evocação. Entre esses cognemas, *desrespeito* apresentou a maior frequência e baixa ordem média de evocação, destacando-se pela elevada saliência e reforçando sua condição de candidato à centralidade.

Na primeira periferia situaram-se *humilhação*, *ameaça* e *medo*, caracterizados por alta frequência e maior ordem média de evocação. A segunda periferia reuniu *falta de apoio*, *falta de reconhecimento*, *falta de empatia*, *gritos*, *insegurança*, *angústia*, *ansiedade*, *assédio*, *falta de amor* e *tristeza*.

Na zona de contraste situaram-se *cobrança*, *agressão física*, *desprezo* e *desvalorização*, caracterizados por menor frequência e baixa ordem média de evocação.

Complementarmente, a análise de similitude por coocorrência (Figura 1) permitiu identificar e representar, por meio da árvore máxima de similitude, as conexões e associações entre os elementos que compõem a representação social da violência no trabalho pelos ACSs⁽¹¹⁾.

Figura 1 - Árvore de similitude por coocorrência das evocações dos Agentes Comunitários de Saúde frente ao termo indutor “violência no trabalho”. Vitória da Conquista, BA, Brasil, 2026. (n=97)



Fonte: Autora, 2026.

Para a análise de similitude por coocorrência, foram selecionados os participantes que evocaram pelo menos duas palavras presentes no quadro de quatro casas. Após a aplicação desse critério, 97 dos 102 participantes da primeira etapa compuseram o corpus utilizado para essa análise.

A análise da árvore de similitude por coocorrência permitiu evidenciar a organização relacional dos elementos que compõem a representação social da violência no trabalho. As conexões mais fortes ocorreram entre *agressão verbal* e *desrespeito* (0,35), *desrespeito* e *humilhação* (0,33) e *desrespeito* e *assédio moral* (0,32). O termo *desrespeito* apresentou maior conectividade na rede, estabelecendo relações diretas com elementos situados nos diferentes quadrantes da análise prototípica e articulando conteúdos relacionados às manifestações verbais, morais, psicológicas e afetivas da violência.

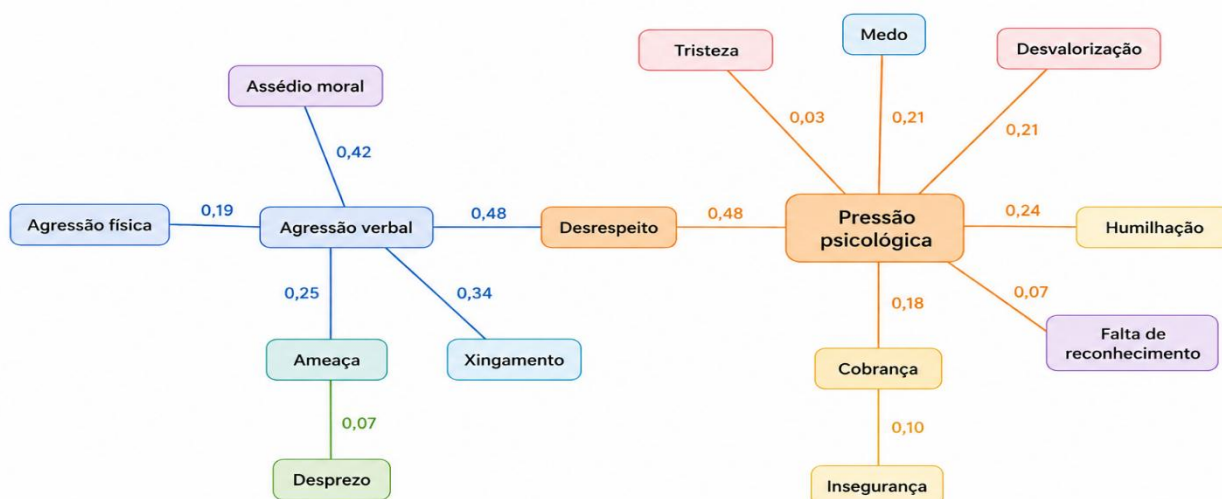
Entre os elementos pertencentes ao provável núcleo central, *agressão verbal*, *assédio moral*, *xingamento* e *pressão psicológica* apresentaram conexões com *desrespeito*, enquanto outras relações evidenciaram ramificações específicas na estrutura, como *agressão verbal* e *agressão física* (0,13), *assédio moral* e *falta de apoio* (0,062), *humilhação* e *desvalorização*

(0,04) e *pressão psicológica* e *ansiedade* (0,03). Os elementos *humilhação*, *medo* e *ameaça*, situados na primeira periferia, também se conectaram diretamente a *desrespeito*, com índices de 0,33, 0,20 e 0,19, respectivamente. Entre os conteúdos de menor frequência, observaram-se ainda conexões que expressam repercussões afetivas da violência, a exemplo das relações entre *falta de empatia*, *tristeza* e *angústia*.

Desse modo, a árvore de similitude evidencia uma configuração relacional marcada pela elevada conectividade de *desrespeito* e pela formação de ramificações que permitem visualizar diferentes dimensões do campo representacional, abrangendo manifestações verbais, morais, psicológicas e físicas, bem como conteúdos afetivos associados à experiência da violência no trabalho. A análise de similitude por coocorrência, ao evidenciar a força das associações e a forma como os cognemas se articulam na rede, complementa a análise prototípica e contribui para uma compreensão mais detalhada da organização interna da representação social(11).

No *choix-par-bloc*, as conexões entre os cognemas revelaram uma configuração estrutural distinta da observada na análise de coocorrência (Figura 2), indicando que a organização das representações sociais da violência no trabalho pelos ACSs varia conforme a técnica empregada.

Figura 2 – Árvore máxima de similitude a partir do *choix-par-bloc* para os elementos do termo “violência no trabalho”. Vitória da Conquista, BA, Brasil, 2026. (n=66)



Fonte: Autora, 2026.

Na árvore máxima de similitude derivada do *choix-par-bloc*, o termo *pressão psicológica* apresentou o maior número de conexões, articulando-se diretamente a *desrespeito*, *humilhação*, *medo*, *desvalorização*, *cobrança*, *falta de reconhecimento* e *tristeza*. Essa configuração evidencia sua posição de destaque na organização relacional dos elementos da representação social da violência no trabalho.

O termo *desrespeito* estabeleceu conexões diretas com *pressão psicológica* e *agressão verbal*, compondo com esses elementos o eixo principal da árvore. *Agressão verbal*, por sua vez, constituiu importante ponto de ramificação, conectando-se a *assédio moral*, *xingamento*, *ameaça* e *agressão física*. A partir dessas ramificações, *ameaça* apresentou ligação com *desprezo*, enquanto *cobrança*, vinculada a *pressão psicológica*, conectou-se a *insegurança*.

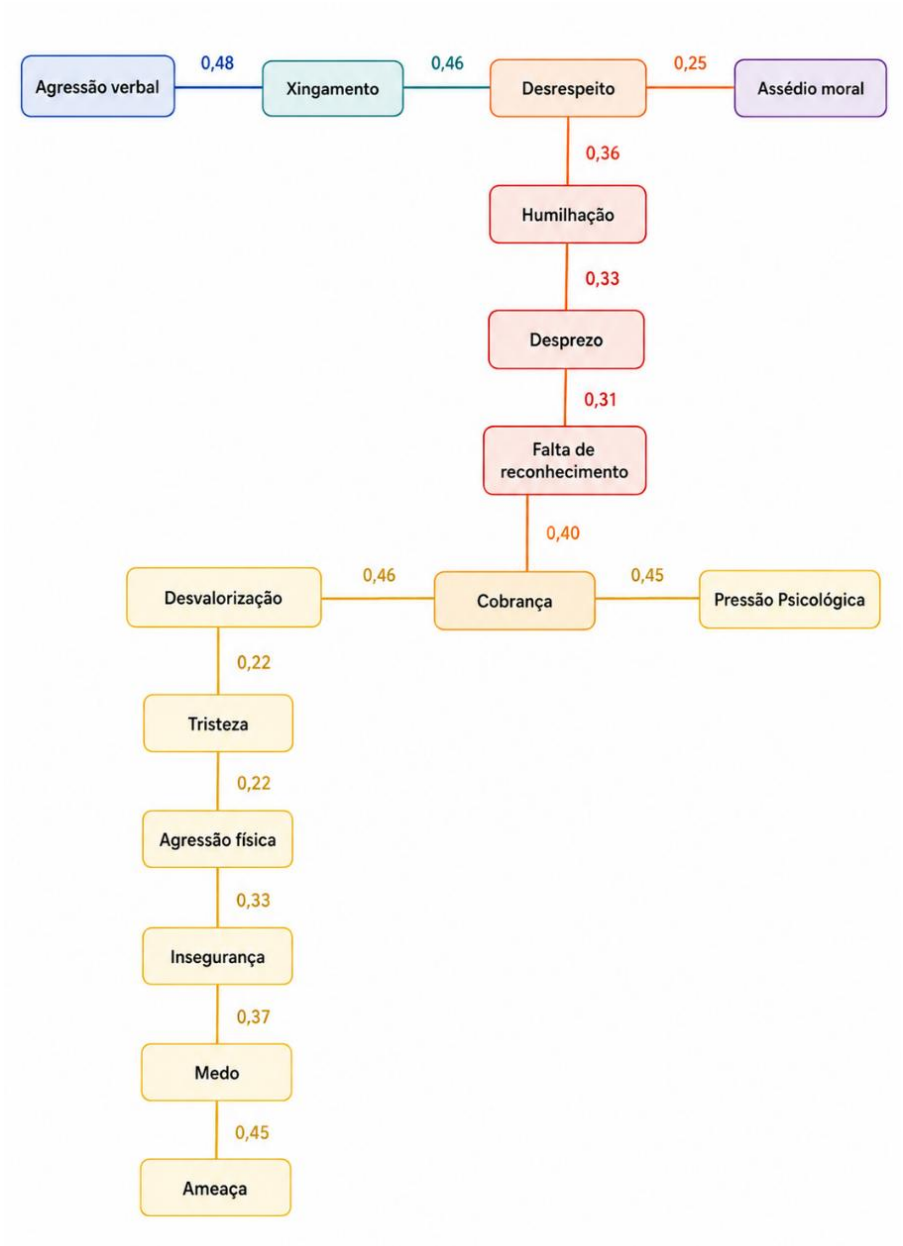
A disposição dos cognemas evidencia, assim, uma estrutura relacional na qual *pressão psicológica*, *desrespeito* e *agressão verbal* ocupam posições de maior articulação, enquanto os demais elementos se distribuem em ramificações relacionadas às manifestações morais, verbais e psicológicas da violência e às suas repercussões. *Tristeza*, *desprezo*, *insegurança* e

falta de reconhecimento aparecem nas extremidades da árvore, com menor número de ligações à rede.

No *choix-par-bloc*, *agressão verbal* e *pressão psicológica* apresentaram indicação de centralidade, mostrando os resultados mais consistentes segundo os critérios empregados nesse teste. *Xingamento*, embora integrasse o possível núcleo central identificado na análise prototípica, apresentou menor força de indicação. Esses resultados foram posteriormente confrontados com os demais testes utilizados no estudo.

Outro teste de centralidade adotado para aprofundar a análise estrutural da representação consistiu no teste de pares de palavras. A partir da aplicação desse instrumento, foi possível construir uma nova árvore máxima de similitude, baseada no cálculo do índice de similitude entre os cognemas, conforme apresentado na Figura 3.

Figura 3 – Árvore máxima de similitude por pares de palavras para os elementos do termo indutor “violência no trabalho”. Vitória da Conquista, BA, Brasil, 2026. (n=66)



Fonte: Autora, 2026.

Na árvore máxima de similitude, *desrespeito* destacou-se pela sua posição de articulação na estrutura, conectando-se a *xingamento*, *humilhação* e *assédio moral*. A partir dessas relações, constituíram-se diferentes ramificações: *xingamento* conectou-se a agressão verbal, enquanto *humilhação* estabeleceu uma cadeia com *desprezo*, *falta de reconhecimento* e *cobrança*. Esta última também se articulou diretamente a *desvalorização* e *pressão psicológica*, ampliando a estrutura relacional entre os cognemas.

A partir de *desvalorização*, observou-se uma cadeia constituída por *tristeza*, *agressão física*, *insegurança*, *medo* e *ameaça*. Dessa forma, a árvore evidenciou uma organização relacional na qual elementos relacionados às manifestações verbais, psicológicas e morais da violência se articulam a conteúdos referentes à desvalorização, ao sofrimento e à insegurança vivenciados no trabalho.

Quanto à centralidade, o teste de pares de palavras apresentou indicação de centralidade para *desrespeito*, previamente identificado como candidato à centralidade na análise prototípica. Os demais elementos, embora participem da organização relacional evidenciada pela árvore de similitude, não apresentaram indicação de centralidade segundo os critérios empregados nesse teste, permanecendo vinculados à estrutura representacional em diferentes posições e relações.

Complementarmente, a técnica do *mise-en-cause* contribuiu para a verificação da centralidade dos elementos da representação social da violência no trabalho, permitindo testar sua indispensabilidade por meio da resistência à retirada do cognema do objeto representacional.

Nesse sentido, foram submetidos ao teste cognemas selecionados a partir da análise prototípica, considerando-se, de forma articulada, sua saliência, posição no quadro de quatro casas e relevância teórico-semântica para o contexto do objeto investigado. Foram priorizados os elementos do possível núcleo central e selecionados elementos da primeira periferia e da zona de contraste com maior potencial para a investigação da centralidade. A seleção considerou, ainda, a capacidade dos cognemas de expressar diferentes manifestações e experiências relacionadas à violência no trabalho, de modo a contemplar conteúdos representativos do fenômeno sem ampliar excessivamente o instrumento. Assim, foram incluídos *desrespeito*, *agressão verbal*, *assédio moral*, *pressão psicológica*, *xingamento*, *humilhação*, *ameaça*, *agressão física*, *desvalorização* e *falta de reconhecimento*. Este último, embora situado na segunda periferia, foi mantido em razão de sua relevância semântica para o objeto investigado e de sua relação com processos de desvalorização e reconhecimento no contexto laboral. A partir das respostas dos participantes, foram contabilizadas as frequências

de respostas “sim”, “não” e “talvez” para cada cognema, bem como seus respectivos percentuais, possibilitando a verificação de sua centralidade estrutural, conforme apresentado no Quadro 2.

Quadro 2 – Distribuição das respostas dos elementos do *mise-en-cause* para o termo indutor “violência no trabalho”. Vitória da Conquista, BA, Brasil, 2026. (n=66)

Elementos apresentados	Resposta negativa (central)		Resposta positiva (não central)		Talvez	
	<i>f</i>	%	<i>f</i>	%	<i>f</i>	%
Desrespeito	57	86,36	7	10,61	2	3,03
Agressão verbal	2	3,03	62	93,94	2	3,03
Assédio moral	17	25,76	41	62,12	8	12,12
Pressão psicológica	53	80,30	10	15,15	3	4,55
Xingamento	26	39,39	39	59,09	1	1,52
Humilhação	36	54,55	27	40,91	3	4,55
Ameaça	3	4,55	63	95,45	0	0,00
Falta de reconhecimento	12	18,18	52	78,79	2	3,03

Fonte: Autora, 2026.

O teste de *mise-en-cause* fundamentou-se no princípio da dupla negação, considerando a resistência à retirada do cognema como indicativo de sua indispensabilidade para o reconhecimento do objeto representacional. Para a confirmação da centralidade, adotou-se como critério percentual de respostas negativas superior a 75%.

Os resultados demonstraram que *desrespeito* (86,36%) e *pressão psicológica* (80,30%) ultrapassaram o ponto de corte estabelecido, tendo sua centralidade confirmada pelo *mise-en-cause*. Entre os demais cognemas, *humilhação* apresentou 54,55% de respostas negativas, seguida por *xingamento* (39,39%), *desvalorização* (31,82%), *assédio moral* (25,76%) e *falta de reconhecimento* (18,18%). As menores proporções de respostas negativas foram observadas para *ameaça* (4,55%), *agressão verbal* (3,03%) e *agressão física* (1,52%), não sendo confirmada a centralidade desses elementos.

Dessa forma, entre os cognemas submetidos ao teste, apenas *desrespeito* e *pressão psicológica* tiveram sua centralidade confirmada, evidenciando maior resistência à sua retirada e, conseqüentemente, sua indispensabilidade para o reconhecimento da violência no trabalho como objeto representacional. Os demais elementos testados não atingiram o critério estabelecido para confirmação da centralidade.

A partir dos resultados obtidos, é possível identificar o núcleo central e descrever a estrutura das representações sociais dos ACS acerca da violência no trabalho. Nesse sentido, o Quadro 3 reúne de forma integrada os achados provenientes da análise prototípica, das análises de similitude oriundas do *choix-par-bloc* e do teste de pares de palavras, bem como do método *mise-en-cause*, considerando os cognemas com potencial de centralidade.

Ressalta-se que a análise de similitude por coocorrência não foi incluída como critério de confirmação da centralidade no Quadro 3, uma vez que sua finalidade é examinar a conectividade e a organização relacional dos elementos da representação. Seus resultados foram utilizados de forma complementar à análise prototípica e aos testes de centralidade⁽¹⁴⁾.

Para a definição do núcleo central, adotou-se como critério a convergência dos resultados das diferentes técnicas empregadas, considerando-se como centrais os cognemas cuja centralidade foi indicada em, no mínimo, três métodos. Na análise prototípica, cinco elementos - *desrespeito*, *agressão verbal*, *assédio moral*, *pressão psicológica* e *xingamento* - constituíram o possível núcleo central, por apresentarem elevada frequência e baixa ordem média de evocação.

Quadro 3 – Síntese dos resultados da análise estrutural das representações sociais da violência no trabalho para Agentes Comunitários de Saúde. Vitória da Conquista, BA, Brasil, 2026.

Candidatos à centralidade	Desrespeito	Agressão verbal	Assédio moral	Pressão psicológica	Xingamento	Humilhação	Ameaça	Agressão física	Desvalorização	Falta de reconhecimento
Indicação de centralidade										
Análise prototípica	X	X	X	X	X					
Testes de centralidade										
<i>Choix-par-bloc</i>		X		X						
<i>Pares de palavras</i>	X									
<i>Mise-en-cause</i>	X			X						
Elementos centrais em 3 ou mais métodos	X			X						

Fonte: Autora, 2026.

Na integração dos resultados das diferentes técnicas, *desrespeito* e *pressão psicológica* foram os únicos cognemas que apresentaram convergência em três métodos. *Desrespeito*, inicialmente indicado como possível elemento central pela análise prototípica, teve sua

centralidade corroborada pelo teste de pares de palavras e pelo *mise-en-cause*. *Pressão psicológica*, também pertencente ao possível núcleo central na análise prototípica, apresentou indicação de centralidade no *choix-par-bloc* e confirmação no *mise-en-cause*. Dessa forma, ambos atenderam ao critério estabelecido de convergência em três ou mais métodos, sendo confirmados como elementos do núcleo central da representação social da violência no trabalho.

Entre os demais cognemas inicialmente situados no possível núcleo central, *agressão verbal* apresentou indicação de centralidade na análise prototípica e no *choix-par-bloc*, totalizando convergência em dois métodos e, portanto, não alcançando o critério definido para confirmação da centralidade. *Assédio moral* e *xingamento*, por sua vez, foram indicados como possíveis elementos centrais apenas pela análise prototípica, sem confirmação pelos testes subsequentes. Assim, embora *agressão verbal*, *assédio moral* e *xingamento* tenham apresentado elevada saliência na evocação livre e integrado o possível núcleo central do quadro de quatro casas, não reuniram evidências convergentes suficientes para serem confirmados como elementos do núcleo central.

Os demais cognemas incluídos nos testes - *humilhação*, *ameaça*, *agressão física*, *desvalorização* e *falta de reconhecimento* - também não apresentaram convergência suficiente para confirmação da centralidade. Esses elementos permaneceram, portanto, como componentes do sistema representacional, sem atender ao critério estabelecido de indicação de centralidade em três ou mais métodos.

A análise integrada permitiu, assim, diferenciar os elementos inicialmente candidatos à centralidade, identificados pela análise prototípica, daqueles cuja centralidade foi sustentada pela convergência das técnicas subsequentes. Dos cinco cognemas que constituíram o possível núcleo central, apenas *desrespeito* e *pressão psicológica* apresentaram convergência em três métodos, sendo confirmados como componentes do núcleo central da representação social dos Agentes Comunitários de Saúde acerca da violência no trabalho.

Discussão

Os achados deste estudo permitem compreender que a violência no trabalho, para os ACSs, é representada a partir de uma estrutura que articula violações nas relações socioprofissionais e repercussões psicológicas decorrentes dessas experiências. Nesse campo representacional, *desrespeito* e *pressão psicológica* constituem os elementos que conferem maior estabilidade e significado ao objeto, enquanto manifestações verbais, morais e físicas da violência, bem como sentimentos de humilhação, medo, insegurança e desvalorização, compõem diferentes dimensões de sua concretização no cotidiano laboral. Assim, a violência

no trabalho não é representada apenas pelos atos violentos vivenciados, mas também pela ruptura do reconhecimento e do respeito nas relações de trabalho e pelo sofrimento produzido por essas experiências.

À luz da abordagem estrutural da TRS, a representação não se limita a um conjunto de conteúdos, mas constitui um sistema organizado por um núcleo central e elementos periféricos que expressam valores, normas, experiências e formas de agir socialmente compartilhadas⁽¹⁸⁾. Nessa perspectiva, o núcleo central garante significado, coerência e estabilidade à representação, enquanto o sistema periférico possibilita sua adaptação às experiências cotidianas⁽¹³⁾. Além disso, diferentes técnicas permitem acessar propriedades distintas da estrutura representacional, como saliência, poder associativo e inegociabilidade dos elementos, justificando a triangulação metodológica utilizada neste estudo⁽¹⁸⁾.

Outro aspecto relevante refere-se à dimensão afetiva das representações sociais, uma vez que afetividade e significado se articulam no campo representacional⁽¹⁹⁾. Essa perspectiva contribui para a compreensão dos resultados encontrados, nos quais *desrespeito* e *pressão psicológica* se confirmaram como elementos centrais. Esses cognemas indicam que a violência no trabalho é representada, simultaneamente, como violação de valores que orientam as relações profissionais e como experiência cotidiana marcada pelo sofrimento psicológico. Tal compreensão também dialoga com a literatura que concebe a violência no trabalho como fenômeno multidimensional, atravessado por dimensões interpessoais, institucionais e estruturais^(20,4), especialmente no contexto da APS.

A integração dos resultados da análise prototípica e dos testes de centralidade permitiu distinguir os elementos inicialmente candidatos ao núcleo daqueles cuja centralidade foi sustentada pela convergência metodológica. Entre os cinco cognemas situados no possível núcleo central - *desrespeito*, *agressão verbal*, *assédio moral*, *pressão psicológica* e *xingamento* -, apenas *desrespeito* e *pressão psicológica* atenderam ao critério estabelecido de indicação de centralidade em três ou mais métodos. *Desrespeito* foi indicado pela análise prototípica, pelos pares de palavras e pelo *mise-en-cause*, enquanto *pressão psicológica* foi indicado pela análise prototípica, pelo *choix-par-bloc* e pelo *mise-en-cause*. Essa convergência, alcançada por percursos metodológicos distintos, sustenta a confirmação desses dois cognemas como componentes do núcleo central da representação.

A centralidade de *desrespeito* evidencia uma dimensão predominantemente normativa da representação, indicando que a violência no trabalho é percebida como ruptura de valores considerados fundamentais para as relações sociais e profissionais. Na abordagem estrutural, os elementos centrais participam da atribuição de significado ao objeto e orientam a forma

como ele é reconhecido e interpretado pelo grupo⁽¹³⁾. Nessa direção, o *desrespeito* sintetiza a percepção de violação da dignidade e do reconhecimento profissional. Essa interpretação aproxima-se da discussão sobre violência simbólica, na medida em que relações assimétricas de poder e processos de desvalorização podem ser naturalizados e reproduzidos nas interações cotidianas de trabalho, contribuindo para a invisibilização de determinadas formas de violência⁽²¹⁾.

Por sua vez, a centralidade de *pressão psicológica* evidencia uma dimensão experiencial e subjetiva da representação da violência, associada ao desgaste emocional decorrente das relações e condições de trabalho. Esse achado reforça a compreensão de que os conteúdos afetivos não estão dissociados da organização da representação⁽¹⁹⁾. Sob a perspectiva da psicodinâmica do trabalho, pressões, cobranças excessivas, humilhações e práticas autoritárias podem constituir formas de violência organizacional capazes de produzir sofrimento psíquico e comprometer o bem-estar dos trabalhadores, aspecto coerente com os resultados encontrados⁽²²⁾.

A articulação entre *desrespeito* e *pressão psicológica* demonstra, portanto, que a violência no trabalho é compreendida simultaneamente como violação de valores e como experiência emocionalmente marcada, integrando dimensões cognitivas, normativas e afetivas da representação⁽¹⁸⁾. Contudo, essas experiências não ocorrem de maneira dissociada das posições sociais ocupadas pelos trabalhadores. No presente estudo, o grupo investigado foi predominantemente constituído por mulheres e pessoas negras, além de apresentar concentração de renda entre um e três salários-mínimos. Essas características tornam pertinente uma leitura interseccional dos achados.

Gênero, raça e classe não constituem dimensões independentes de desigualdade, mas se articulam em relações de poder que moldam experiências sociais específicas. Nessa perspectiva, a matriz de dominação permite compreender como diferentes formas de opressão se interconectam e operam de maneira simultânea, não podendo ser analisadas isoladamente. A interseccionalidade, portanto, ultrapassa a simples identificação ou sobreposição de marcadores sociais, incorporando a análise do contexto histórico, das relações sociais e das estruturas de poder que produzem e sustentam experiências diferenciadas de desigualdade⁽⁹⁾.

Nesse sentido, os significados associados a *desrespeito* e *pressão psicológica* podem ser interpretados também à luz das posições sociais ocupadas pelos participantes. A predominância simultânea de mulheres e de participantes negros torna pertinente considerar a articulação entre gênero, raça, classe e posição ocupacional como perspectiva interpretativa dos achados. A interseccionalidade amplia essa compreensão ao reconhecer que diferentes

marcadores sociais se articulam nas relações de poder e podem conferir sentidos particulares às experiências de violência no trabalho, sem que se estabeleça, neste estudo, relação causal entre esses marcadores e a estrutura da representação⁽⁹⁾.

A análise de similitude por coocorrência complementou essa compreensão ao evidenciar a organização relacional do campo representacional. *Desrespeito* apresentou a maior conectividade na rede, articulando elementos pertencentes aos diferentes quadrantes da análise prototípica, entre eles *agressão verbal*, *assédio moral*, *xingamento*, *pressão psicológica*, *humilhação*, *medo* e *ameaça*. Essa configuração permite visualizar como diferentes manifestações e repercussões da violência se organizam em torno desse cognema, sem que a conectividade observada seja tomada, isoladamente, como critério para confirmação da centralidade. A análise de similitude assume, assim, função complementar, ao evidenciar a força das associações e contribuir para a visualização das diferentes dimensões que constituem o campo representacional.

A distinção entre conectividade, saliência e centralidade mostrou-se particularmente importante neste estudo. *Agressão verbal*, por exemplo, apresentou elevada saliência na análise prototípica e teve indicação de centralidade no *choix-par-bloc*, porém não alcançou a convergência mínima estabelecida para confirmação como elemento central. De forma semelhante, *assédio moral* e *xingamento*, embora tenham integrado o possível núcleo central no quadro de quatro casas, não apresentaram evidências convergentes suficientes nos testes subsequentes. Esses resultados reforçam a necessidade de utilização articulada de diferentes procedimentos metodológicos na abordagem estrutural, uma vez que nenhuma técnica, isoladamente, permite apreender todas as propriedades que caracterizam um elemento central^(18,23).

Para além dos elementos centrais confirmados, os demais cognemas conferem concretude e diversidade ao campo representacional. *Agressão verbal*, *assédio moral* e *xingamento*, embora inicialmente situados no possível núcleo central pela análise prototípica, não alcançaram convergência suficiente para confirmação da centralidade. Na primeira periferia, *humilhação*, *ameaça* e *medo* expressam conteúdos amplamente compartilhados que aproximam o núcleo das experiências cotidianas. Na zona de contraste, *cobrança*, *agressão física*, *desprezo* e *desvalorização* evidenciam conteúdos menos frequentes, porém prontamente evocados, que podem representar experiências específicas de determinados segmentos do grupo. Já elementos da segunda periferia, como *tristeza*, *insegurança* e *falta de reconhecimento*, ampliam a expressão das repercussões subjetivas e contextuais da violência.

Essa distribuição é coerente com a função do sistema periférico de permitir a atualização da representação diante das experiências concretas e das particularidades do cotidiano⁽²³⁾.

No contexto dos ACSs, essas repercussões devem ser compreendidas em articulação com as condições concretas nas quais o trabalho é realizado. A perspectiva da vulnerabilidade contribui para superar explicações centradas exclusivamente no indivíduo, ao articular as dimensões individual, social e programática e considerar que as experiências dos sujeitos são atravessadas por relações de poder, estruturas institucionais e aspectos culturais, entre os quais as relações de gênero, raça e geração. Nessa perspectiva, a exposição à violência não pode ser atribuída somente às características individuais dos ACSs ou à intensa proximidade estabelecida com os usuários, mas precisa ser compreendida na interface entre condições territoriais, relações sociais, organização do processo de trabalho e capacidade institucional de prevenção, proteção e resposta⁽⁸⁾.

Essa perspectiva também permite problematizar a vulnerabilidade programática relacionada às condições de trabalho e à capacidade de resposta institucional diante da violência. A insuficiência de mecanismos de proteção, a fragilidade do apoio institucional, as dificuldades na organização dos fluxos e a ausência de respostas efetivas podem intensificar as condições de vulnerabilização dos trabalhadores. Nesse sentido, as dimensões individual, social e programática da vulnerabilidade devem ser compreendidas de forma articulada, considerando que as possibilidades de proteção e enfrentamento são condicionadas pelas relações sociais e pelas estruturas institucionais nas quais os sujeitos estão inseridos⁽⁸⁾.

A compreensão da vulnerabilidade para além da noção restrita de risco incorpora aspectos relacionados à precariedade, à suscetibilidade, às relações de poder e às condições históricas e sociais que interferem na capacidade dos sujeitos de proteger seus interesses e seu bem-estar. Essa perspectiva aproxima-se dos resultados deste estudo ao evidenciar que o sofrimento relacionado à violência no trabalho não decorre apenas de eventos isolados, mas se insere em condições sociais, institucionais e relacionais que podem produzir e reproduzir vulnerabilidades e limitar as possibilidades de enfrentamento⁽²⁴⁾.

No caso dos ACSs, essa discussão assume particular relevância porque o trabalho se desenvolve em estreita vinculação com o território e com a vida cotidiana dos usuários. A proximidade social e geográfica que constitui uma das potencialidades do trabalho dos ACSs também pode ampliar a exposição a conflitos, cobranças, ameaças e outras situações de violência. Quando articuladas às desigualdades de gênero, raça e classe e às vulnerabilidades programáticas, essas condições podem intensificar experiências de desgaste e sofrimento. Dessa forma, a abordagem interseccional e o referencial da vulnerabilidade não substituem a

interpretação estrutural das representações sociais, mas ampliam a compreensão das condições históricas, sociais e institucionais nas quais essas representações são construídas.

Além de expressarem formas de interpretação da realidade, as representações sociais exercem função de orientação das práticas e dos modos de enfrentamento^(18,25). Assim, a centralidade de *desrespeito e pressão psicológica* sugere que o reconhecimento e a interpretação das situações de violência pelos ACSs são mediados por essas dimensões. Nesse sentido, as representações podem orientar formas de atuação e estratégias construídas diante de contextos adversos, como a mediação de conflitos, a redefinição de percursos, a reorganização de visitas e a negociação da presença em determinados espaços do território⁽²⁵⁾. Tais estratégias revelam a dimensão prática da representação e demonstram como os significados atribuídos à violência participam da organização das condutas cotidianas.

A centralidade de *desrespeito e pressão psicológica* também possibilita discutir, em diálogo com a literatura, processos de banalização ou naturalização de determinadas formas de violência no cotidiano laboral. Essa interpretação não decorre diretamente da centralidade dos cognemas, mas da articulação dos achados com estudos que demonstram a recorrência e a invisibilização de práticas violentas nas relações de trabalho^(10,22,23). Quando essas práticas passam a ser reconhecidas como parte habitual do cotidiano profissional, podem ser reduzidas as possibilidades de reconhecimento do problema e de busca por respostas institucionais.

Por fim, destaca-se que *desrespeito* se confirmou como um dos elementos centrais da representação social da violência no trabalho entre os ACSs. Embora investigando objeto distinto, estudo sobre representações sociais da violência doméstica contra a mulher também identificou *desrespeito* como elemento central da representação⁽²⁶⁾. Essa aproximação, contudo, deve ser interpretada considerando as especificidades dos diferentes objetos e grupos sociais, sobretudo porque a presente investigação foi constituída predominantemente por mulheres. A perspectiva interseccional contribui para compreender que experiências de violência envolvendo mulheres não devem ser analisadas por um único marcador social, uma vez que gênero se articula a raça, classe e outras posições sociais em relações de poder que se moldam mutuamente⁽⁹⁾. Assim, mais do que sugerir um significado universal do desrespeito para todas as formas de violência, os achados indicam a necessidade de compreender como esse cognema adquire centralidade em contextos sociais, ocupacionais e relacionais específicos.

Como limitação, destaca-se a escassez de estudos que investiguem especificamente a estrutura das representações sociais dos ACSs sobre a violência no trabalho, o que restringe comparações diretas dos resultados. Soma-se a isso o fato de que, embora a composição

sociodemográfica do grupo torne pertinente uma interpretação interseccional, o desenho do estudo não foi estruturado para testar associações específicas entre gênero, raça, classe e a organização dos elementos representacionais. Assim, essas categorias foram utilizadas como lente interpretativa para contextualizar os achados, e não como explicação causal. Apesar dessas limitações, o estudo contribui para o avanço do conhecimento na interface entre Saúde do Trabalhador, Atenção Primária à Saúde e Teoria das Representações Sociais, ao demonstrar que a violência no trabalho entre ACSs se estrutura em torno de *desrespeito* e *pressão psicológica* e se expressa por meio de uma rede de conteúdos morais, verbais, psicológicos, físicos e afetivos vinculados às condições concretas de trabalho.

Conclusão

Este estudo permitiu identificar o núcleo central e descrever a organização das representações sociais dos Agentes Comunitários de Saúde acerca da violência no trabalho. A integração das diferentes técnicas empregadas confirmou *desrespeito* e *pressão psicológica* como elementos do núcleo central, evidenciando que o fenômeno é representado simultaneamente como ruptura de valores que orientam as relações socioprofissionais e como experiência marcada pelo desgaste psicológico. Esses elementos conferem significado e estabilidade à representação e articulam dimensões normativas, experienciais e afetivas da violência no trabalho.

A análise estrutural demonstrou, ainda, que a representação não se restringe aos elementos centrais. *Agressão verbal*, *assédio moral* e *xingamento*, inicialmente identificados como candidatos à centralidade, não apresentaram convergência suficiente para sua confirmação, enquanto os demais cognemas distribuíram-se entre a primeira periferia, a zona de contraste e a segunda periferia. Esses conteúdos conferem concretude à representação ao expressarem manifestações verbais, morais e físicas da violência, bem como experiências de humilhação, ameaça, medo, desvalorização, insegurança e falta de reconhecimento presentes no cotidiano laboral.

Os achados também evidenciam que a violência no trabalho dos ACSs deve ser compreendida em articulação com as condições sociais, territoriais e institucionais nas quais suas práticas são desenvolvidas. A predominância de mulheres e pessoas negras entre os participantes torna pertinente considerar, como perspectiva interpretativa, a intersecção entre gênero, raça, classe e posição ocupacional, assim como as dimensões individual, social e programática da vulnerabilidade. Entretanto, essas características não permitem estabelecer relações causais entre tais marcadores e os elementos que constituem o núcleo central, uma vez que essas associações não foram testadas no desenho do estudo.

Do ponto de vista prático, a identificação de *desrespeito* e *pressão psicológica* como elementos centrais sinaliza a necessidade de que as estratégias de enfrentamento da violência no trabalho não se restrinjam às suas manifestações mais explícitas. As respostas institucionais devem considerar também as relações socioprofissionais, as condições e a organização do trabalho e as repercussões psicológicas dessas experiências, com fortalecimento dos mecanismos de prevenção e proteção, dos espaços de escuta e apoio e das práticas de reconhecimento e valorização profissional.

Por fim, o estudo amplia o conhecimento sobre a violência no trabalho dos ACSs ao evidenciar a estrutura do pensamento social construído por esses trabalhadores acerca do fenômeno. A utilização articulada da análise prototípica e dos testes de centralidade permitiu diferenciar elementos salientes e relacionais daqueles efetivamente sustentados pela convergência metodológica como componentes do núcleo central. Os resultados contribuem para o campo da Saúde do Trabalhador e da Atenção Primária à Saúde e oferecem subsídios para ações e políticas institucionais mais sensíveis às formas pelas quais a violência é reconhecida, significada e vivenciada no cotidiano de trabalho dos ACSs.

Referências

1. Faria CCMV, Paiva CHA. O trabalho do agente comunitário de saúde e as diferenças sociais no território. **Trab Educ Saude**. 2020;18(Supl 1):e0025183.
2. Cardoso NM, Cruz MS. Percepção de violência pelos Agentes Comunitários de Saúde durante as visitas domiciliares. **Saúde Coletiva** (Edição Brasileira). 2026;17(104):18950-18963. doi:10.36489/saudecoletiva.2026v17i104p18950-18963.
3. Cardoso MR, Talarico MCR, Sousa RS, Farias SF, Forte FD, Sampaio YPCC, et al. Domestic and urban violence faced by community health workers: a multidimensional analysis in vulnerable territories in northeastern Brazil during and after the COVID-19 pandemic. **Lancet Reg Health Am**. 2026;57:101436.
4. Vieira CEC. Violência no trabalho: dimensões estruturais e interseccionais. **Rev Bras Saude Ocup**. 2023;48:eDCINQ2. doi:10.1590/2317-6369/15822PT2023v48edcinq2.
5. Yusoff HM, Ahmad H, Ismail H, Reffin N, Chan D, Kusnin F, et al. Contemporary evidence of workplace violence against the primary healthcare workforce worldwide: a systematic review. **Hum Resour Health**. 2023;21:82. doi:10.1186/s12960-023-00868-8.
6. Pradenas-Cárcamo AP, Klijn-Paravic T. Workplace violence in primary health care workers: an integrative review. **Rev Bras Med Trab**. 2025;23(4):e20251504. doi:10.47626/1679-4435-2025-1504.

7. Tyau ND, Swedish KA, Perez HR. Workplace violence against primary care clinicians: a narrative review. **J Gen Intern Med.** 2024 Nov;39(14):2806-2828. doi:10.1007/s11606-024-08850-3.
8. Ayres JR. Vulnerabilidade, Cuidado e integralidade: reconstruções conceituais e desafios atuais para as políticas e práticas de cuidado em HIV/Aids. **Saúde em Debate.** 2022;46(Especial 7):196-206. doi:10.1590/0103-11042022E714.
9. Collins PH. **Bem mais que ideias:** a interseccionalidade como teoria social crítica. São Paulo: Boitempo Editorial; 2022.
10. Moscovici S. **Representações sociais:** investigações em psicologia social. 9a ed. Petrópolis: Vozes; 2012.
11. Jodelet D. **Representações sociais:** um domínio em expansão. In: Jodelet D, organizadora. **As representações sociais.** Rio de Janeiro: EDUERJ; 2001. p.17-44.
12. Oliveira DC. A teoria das representações sociais como grade de leitura da saúde e da doença: a constituição de um campo interdisciplinar. In: Almeida AMO, Santos MFS, Trindade ZA, organizadores. **Teoria das representações sociais:** 50 anos. 2a ed. Brasília: Technopolitik; 2014.
13. Abric JC. **Pratiques sociales et représentations.** Paris: Presses Universitaires de France; 1994.
14. Sá CP. **Núcleo central das representações sociais.** Petrópolis: Vozes; 2002.
15. Wachelke JFR. Índice de centralidade de representações sociais a partir de evocações (INCEV): exemplo de aplicação no estudo da representação social sobre envelhecimento. **Psicol Reflex Crit.** 2009;22(1):102-110
16. Vergès P. L'évocation de l'argent: une méthode pour la définition du noyau central d'une représentation. **Bull Psychol.** 1992;45(405):203-9
17. Aubert J, Abdi G. Représentations sociales de la gymnastique chez des enseignants stagiaires d'éducation physique et sportive et choix d'enseignement. **Staps.** 2002;59(3):9-22.
18. Wolter RP. A abordagem estrutural das representações sociais: pontes entre teoria e método. **Psico-USF.** 2018;23(4):621-31. doi:10.1590/1413-82712018230402.
19. Campos PHF, Rouquette ML. Abordagem estrutural e componente afetivo das representações sociais. **Psicol Reflex Crit.** 2003;16(3):435-45. doi:10.1590/S0102-79722003000300004.
20. Gomez CM, Vasconcellos LCF, Machado JMH. Saúde do trabalhador: aspectos históricos, avanços e desafios no Sistema Único de Saúde. **Cien Saude Colet.** 2018;23(6):1963-70. doi:10.1590/1413-81232018236.04922018.
21. Bourdieu P. **A dominação masculina.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; 2003

22. Dejours C. **A banalização da injustiça social**. 7a ed. Rio de Janeiro: Fundação Getulio Vargas; 2000.
23. França LCM, Gomes AMT, Nogueira VPF, Rocha JCC, Couto PLS. Análise estrutural da representação social da espiritualidade segundo professores de um centro universitário. **Caminhos**. 2021;19(3):651-63. doi:10.18224/cam.v19i3.9115.
24. Florêncio RS, Cestari VRF, Pessoa VLMP, Silva MRF, Borges JWP, Santiago JCS, et al. Significados do conceito de vulnerabilidade em saúde: uma revisão de escopo. **Brazilian Journal of Health Review**. 2021;4(3):12817-12834. doi:10.34119/bjhrv4n3-243.
25. Wolter RP, Sá CP. As relações entre representações e práticas: o caminho esquecido. **Rev Int Cienc Soc Humanid Sociotam**. 2013;23(1-2):87-105
26. Machado JC, Santos CS, Gomes AMT, Boery RNSO, Rodrigues VP, Vilela ABA. Estrutura de pensamento social de agentes comunitárias de saúde sobre violência doméstica contra a mulher. **Cien Saude Colet**. 2023;28(6):1663-1673. doi:10.1590/1413-81232023286.14592022.